

# A VERDADE

ORGÃO CATHOLICO

Com autorisação do Exmo. Sr. Bispo Diocesano

REDACTORES: P. P. MANFREDO LEITE E FRANCISCO TOPP

VERITAS LIBERABIT VOS (S. João 8, 32.....)

CHARITAS CONGAUDET VERITATI (1. Cor. 13, 6.)

## EXPEDIENTE

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

CAPITAL		EXTERIOR	
Por um anno . . . . .	5\$000	Por um anno . . . . .	5\$500
Por 6 mezes . . . . .	3\$000	Por 6 mezes . . . . .	3\$500

Publicação semanal Pagamento adiantado

Acceptam-se artigos de collaboraço, que poderão ser dirigidos ao gerente Jacintho Sinas

## CALENDARIO

- 11 de outubro: Domingo—Maternidade de Nossa Senhora. S. Germano, bispo de Besanção e martyr, 407. Santa Zenaida, virgem, 82.
- 12 Segunda-feira—S. Maximiliano, bispo na Austria e martyr, 283. S. Walfrido, arcebispo de York, 709.
- 13 Terça-feira—Santo Eduardo, rei da Inglaterra, 1066. S. Venancio, abbade na França, 597. S. Daniel, franciscano e martyr em Marrocos, 1221.
- 14 Quarta-feira—S. Calisto, papa e martyr, 223. S. Gaudencio, bispo de Rimini e martyr, 360. S. Burchardo, bispo de Wurzburg, 752.
- 15 Quinta-feira—Santa Thereza, abbadessa na Hespanha, 1582.
- 16 Sexta-feira—S. Gallo, abbade na Suissa, 267. S. Lullo, arcebispo de Mayença, 786.
- 17 Sabbado—Beata Margarida Maria Alacoque, 1690. Santa Eduvigis, duqueza da Silesia e Polonia, 1243.

## Conferencias Religiosas

Com avultada concurrencia, notando-se a mesma attenção religiosa, realisou-se na Igreja Matriz a terceira conferencia que versou sobre este thema: «O fim do homem na vida presente, e a vida futura.»

O conferencista lançando um olhar de observação por sobre tudo que rodêa o homem, pelos objectos, pela creação inteira, verificou um conjuncto harmonico de principios, de leis e de fins a que tudo se subordina, cumprindo dest'arte o destino proprio á sua natureza. Nada ha que possa deter ou fazer sustar essa marcha admiravel em que encontramos a sabedoria, o peso e a medida, de que nos fallam as sagradas paginas dos livros santos. Por isso o homem tambem, por menos que se concentre e que reflecta, facilmente chega á convicção de que tem um fim.

Muitas vezes, na expressão magnifica do grande apologista Weiss, deslumbrado pelos esplendores e seduzido pela belleza dos espectaculos que a terra e o universo lhe apresentam no desdobramento de panoramas variados e cheios de maravilhas, contemplando o aspecto das montanhas, a profundidade dos valles, a extensão dos continentes, a evolução assombrosa dos astros dentro de suas orbitas, os luzeiros do firmamento, as riquezas occultas nas entranhas da terra, o homem pretende desviar o pensamento de seo fim, e aspira

á loucura de contentar-se com ser o espectador attonito de todas essas grandezas, desejando assim eternisar-se n'uma immobibilidade absoluta.

Horas depois, sobrevem-lhe o canção; e essas bellezas todas só lhe fallam da morte, da destruição, do fim. Elle sente que tudo vai passando, fugindo celereamente, precipitadamente, e que elle mesmo vai descendo o rio da vida, preocupado e cheio de ancias.

Então pergunta-se a si proprio si não existe para elle expectador um fim, um destino a cumprir e a seguir. Pretendendo subtrahir-se á vontade e á acção de Deus Creator, reúne suas forças para traçar a si proprio esse fim. Encontra a sua personalidade, o seo Eu, fazendo disso o ponto de convergencia de todas as suas aspirações e de todos os seos esforços. E' o fim individual que o homem procura. Bem depressa, porem, desperta-lhe a certeza do seo engano e do seo erro. Elle acha tantas miserias, tantas fragilidades, mutilações, vêtantos pendores viciosos, verifica tamanhas enfermidades, que de si proprio quer fugir, tomado de horror e de aborrecimento.

O Eu, por conseguinte o culto individual, a autolatria, apparecem-lhe sob o seo verdadeiro aspecto, hediondo, digno de odio, no dizer de Pascal. Volta-se para os seos semelhantes, para nelles encontrar os mesmos defeitos e observar as mesmas lacunas, desesperando então de encontrar nos homens o seo fim. Volta-se mais uma vez para os objectos creados.

Entretanto, elle tem consciencia de que, por mais miseravel, é incomparavelmente superior a tudo quanto o circumda—á terra, ás suas maravilhas, aos astros, á luz, aos esplendôres.

Elle quer um fim em harmonia com o seo ser e com a sua natureza. Não pôde achar outro senão o que Deus lhe traçou. Na vida presente elle tem um fim temporal que se encaminha a outro, eterno e duradouro, definitivo e supremo.

O homem é um combatente, um viajor, um exilado que procura a terra da patria, a Chanaan da sua felicidade e do seo repouso.

O conferencista examina o fim do homem na terra e na vida presente, fazendo sempre apparecer a preocupação do fim ultimo.

Mostra os obstaculos que nos apresentam as luctas e as batalhas porfiadas da existencia, e conclue affirmando a necessidade da vida futura e a immortalidade

da alma humana, exigida pelo coração que aspira invencivelmente á eternidade, ao infinito, ao além—pela propria natureza da alma e do homem.

Combate então o conferencista os erros e as principaes doutrinas que se têm inventado, umas para negarem a alma, outras para lhe darem um destino miseravel e mesquinho, outras para deixarem que o homem se contorça nas agonias de um desespero infernal.

Mostra o absurdo do materialismo, proclamando exclusivamente o triumpho da materia e negando o espirito. Analysa então essa theoria falsa sobre a immortalidade creada por Littré e pelos sectarios do Positivismo, essa que encerra o homem no sepulchro, destruindo e aniquilando o que elle tem de mais nobre, de mais caro, de mais intima—a sua personalidade. Affirma que, bem estudadas as doutrinas de A. Conte, chega-se á conciusão de que elle não negava a alma, sua immortalidade, a vida futura, commettendo porém o crime de confessal-as transcendentas, e por isso despresando-as ao esquecimento completo.

Que será esse Incognoscivel de Spenser, senão o Deus, a alma, a vida futura, a eternidade?

Relata a conversão de Littré, lançando um olhar retrospectivo para a sua vida e para as suas doutrinas, para lançar-se nos braços do Redemptor.

Dirige-se depois ao scepticismo de alguns espiritos que não inquiram das duvidas que os atormentam, e deixam assim passar-se a vida na indolencia, no esquecimento, no abandono do que ha de mais nobre e elevado. Outros, diz o conferencista, procuram por todos os meios desviarem a attenção dos terriveis problemas do fim e da vida futura, para delles se occuparem na hora extrema, quasi sempre hora tardia.

E fazendo amplas considerações sobre a importancia do assumpto, pede ao auditorio deponha a indiferença no que diz respeito á alma e aos seos immortaes destinos.

Mostra á mocidade as agitações crescentes da vida presente, e diz-lhe que o seo pensamento e o seo coração, extremes de paixões, revestidos de calma, se voltem para as realidades supremas e palpitan-tes de interesses que se não podem esquecer—a alma, sua immortalidade—a vida futura.

## Visita Pastoral do Paraná

Na impossibilidade de transcrever tudo o que o nosso bem redigido collega *A Estrella* publicou sobre este assumpto, como seria nosso desejo, não podemos, contudo, calar nossas impressões nem occultar aos nossos leitores os triumphos que o nosso digno Bispo diocesano alcançou em uma longa e trabalhosa visita pastoral, entre os catholicos do Paraná.

Não é só Santa Catharina que se possui de alegria e entusiasmo, ao receber a visita de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>.; tambem o Paraná sente-se catholico e sabe mostrar, com as mais inequivocas provas de sincero respeito, a intima satisfação que lhe vae na alma pela visita de seu Pai espiritual.

Desde principio viemos seguindo com vivo interesse as descripções das festas de que era alvo nosso bemamado Presule por parte de seus fieis diocesanos em cada localidade a que o levava seu itinerario apostolico.

Lapa, Rio Negro, Lucena, Palmeira (sim Palmeira tambem) Ponta Grossa, Castro, até o longinquo S. José da Boa Vista e as mais affastadas localidades do norte do Paraná, com nobre emulação, todas, nenhuma exceptuada, se esmeraram por dar ao estimado Prelado diocesano as mais cabaes provas de seu acatamento e fé catholica, dando largas á intima alegria mediante esplendidas recepções, discursos, musicas, fogos, vivas e tudo o mais que o affecto sabe achar para exprimir o rego-sijo popular em taes circumstancias.

Por todos os lados, os mais afazeres tinham passado em segunda linha, durante aquelles dias, para darem lugar unicamente ás manifestações de jubilo de populações inteiras que agrupadas em redor de seu Bispo o acompanhavam por onde elle fosse; de modo que seu itinerario foi uma serie continuada de homagens e um succeder incessante de triumphos da graça de Deus em proveito das almas se-quiçosas de consolos espirituaes.

Nós que já por tres vezes vimos o entusiasmo popular que sempre e em todo o lugar desperta a visita do Sr. Bispo, cá de longe iamoz acompanhando seu itinerario e do intimo da alma applaudiamoz ás festas e ás manifestações de alegria com que os nossos co-irmãos do Paraná honravam a passagem do incansavel e bondoso Pai, entre elles.

As gratas noticias que iam chegando, enchiam-nos de summo prazer, pois eram para nós prova evidente que a causa da fé não está tão deserta, como alguns querem fazer crer, e por outro lado imaginamos os bellos fructos de regeneração que não podia deixar de produzir um movimento religioso tão extraordinario e espontaneo, avivando a fé e animando á pratica da religião; fructos que devem ter consolado o espirito e recompensado, de algum modo, os muitos e fatigantes trabalhos inherentes a uma visita qual o Sr. Bispo acaba de fazer.

Das humildes columnas deste hebdomadario catholico aceite S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>. nossos sinceros parabens pelos esplendidos resultados obtidos, parabens que fazemos extensivos aos bons catholicos do Paraná pelas innumeradas provas de fé e acatamento para com a suprema Autoridade ecclesiastica da nossa Diocese.

—«»—

## Evangelho do decimo nono domingo depois de Pentecostes

(Math. 22, 1—14)

Naquelle tempo fallava Jesus aos principes dos sacerdotes e phariseos em parabolaz, dizendo: O reino dos céos é semelhante a um rei que contractou nupcias para seu filho. E mandou seus servos a chamar os convidados para as bodas, e não quizeram elles vir. Enviou de novo outros servos com este recado: Dizei aos convidados: Eis que já apparelhei o meu banquete; os meus bois e os cevados já estão mortos, e tudo prompto: vinde ás

bodas. Mas elles desprezaram o convite; e se foram, um para sua casa de campo, e outro para seu negocio. Os outros porém prenderam os servos que enviara, e depois de os cobrirem de ultrajes, lhes deram a morte. Mas o rei tendo ouvido isto, se irou, e tendo feito marchar os seus exercitos, acabou com aquelles homicidas e poz fogo á sua cidade. Disse então aos seus servos: E' certo que as bodas estão preparadas, mas os que haviam sido convidados não foram dignos. Ide pois ás embocaduras dos caminhos, e a quantos encontrardes, convidae-os para ás bodas. E tendo sahido os seus servos pelas ruas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons, e a meza do banquete ficou cheia de convidados. Entrou então o rei para ver os que estavam á meza, e viu ahi um homem que não estava vestido com a veste nupcial. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo a veste nupcial? Mas elle emmudeceu. Então disse o rei aos seus ministros: Atando-o de mãos e pés, lança-o nas trevas exteriores: ahi haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos.

*Explicação.*—São essas nupcias as de Jesus Christo com a Igreja, a sociedade dos fieis, tantas vezes denominada na Escripura esposa do divino Salvador. Tem a parabolaz dois objectos: refere-se aos judeos, o povo escolhido, o primeiro convidado a reconhecer o Messias e a assistir ás bodas do Cordeiro. Elles, porém, recusaram todos esses amaveis convites, maltrataram até e mataram os enviados de Deus, os prophetas, João Baptista e os apóstolos, obrigando dest'arte o Senhor a chamar os gentios á fé e á felicidade do reino dos céos.

A segunda parte da parabolaz toca os christãos que se tornam indignos da sua vocação. Que lhe vale o ser admittido na sala do festim, a quem lá entra sem vestido nupcial? Os reis do Oriente costumavam offerecer aos convidados a veste com

## FOLHETIM

(16)

## Os Desposados do Céu

VII

Estava tão formosa e gentil, como quando era admirada por Theophilo. O ondeado de seus cabellos louros, e o de seu vestido branco, de linho, o vago brilho de seus olhos, e a amavel pureza de seu semblante, davam-lhe um ar mysterioso como de uma aparição celeste! Até os pagãos que passavam, coroados de rosas, ficavam deslumbrados deante de tal visão!

O sol dourava, com os seus primeiros raios, os zimbórios dos templos, ornados de flores. O céu era sem nuvem, bello e radiante; um d'aquelles céos que chamam os corações puros a entoar hymnos de

louvor á bondade e omnipotencia de Deus!

O olhar extatico da santa procurava-o, lá nas alturas, naquella abobada azulada, parecendo querer abrir de antemão o caminho que sua alma devia transpôr atravez d'aquelle espaço profundo, immenso, infinito, que já não tinha mysterios para a sua fé!

Impaciente por se unir ao seu Deus, voava nos passos dos guardas, e, no intimo do seu coração conversava com o seu Bem amado.

Finalmente, um grande ajuntamento e murmurios prolongados forçaram-na a baixar a vista, olhando em derredor. Havia chegado ás portas da cidade. Um espantoso grito de dôr veio neste momento ferir o coração de Dorothea. Era a voz de seu velho pae, que se debatia nos braços de Pámphila. Não foi sem grande difficuldade que os guardas impediram-no de atirar-se ao pescoço da filha!

A esta ultima dôr agudissima, que lhe dilacerou o coração, sentiu Dorothea que ainda estava no mundo. Estendeu a mão

para o lado de Ephrem, e com um tom de voz, mais celeste que humano disse-lhe:

—Meu pae... meu pae... adeus! Vou rogar a Jesus por vós! Lembrae-vos que só em nome de Christo poderemos nos encontrar no céu...

—Párem, párem ahi! bradou com imperio uma voz bem conhecida da donzella. Guardas! Em nome de Fabricio, um instante... Quero falar a essa mulher pela ultima vez!

Era Theophilo que, todo transtornado e exaltado, foi abrindo passagem no meio da multidão, até approximar-se da joven martyr.

Ao enfrentar Dorothea, estremeceu sem querer, vendo-a em sua belleza antiga, com o rosto inteiramente são, porém no excitamento nervoso em que se achava, sem mais reflectir, arrancou das mãos de um centurião o brazão das aguias romanas, e apresentou-as a sua desposada.

(Continúa)

que elles deviam comparecer, e que seria affronta não levar. No baptismo, pelo qual nos fazemos receber na Igreja, nós cingimos a veste da innocencia e da justiça; e essa veste devemos conservar-a pura, ou purificá-la com a penitencia, quando temos a desgraça de a manchar; porque só com ella é que poderemos ser agradaveis a Deus e tomar parte no festim celeste. Nem a santidade do logar ou da profissão, nem a abundancia dos soccorros espirituaes e os bons exemplos nos garantem um logar na mansão dos Bemaventurados; só nol-o asseguram os nossos meritos.

—«»—

### BUGRES NA BOA VISTA

No logar chamado Boa Vista, na estrada que vai d'aqui para Lages, os bugres mataram, diversas vezes no ultimo tempo, bois e cavallos.

No dia 11 do mez passado, Martinho Marcellino e Ignacio Fraga, moradores de Taquara, tendo deixado seus cavallos na estrada, se internaram no matto em procura de seu gado perdido. Passado um pequeno ribeiro, Ignacio foi attingido por uma flecha na nuca, no momento quando se abaixava para beber. O sangue brotou abundantemente. Martinho logo agarrou o seu camarada para salvá-lo, porém os bugres, em numero de mais de vinte e em altos gritos o vinham apertando sempre mais, apesar dos tiros que ia descarregando contra elles.

Afinal, apertado de todos os lados, para salvar-se, foi obrigado a abandonar seu companheiro e fugir, perseguido pelos selvagens. Como por milagre escapou, correndo e atirando sempre contra seus perseguidores, até chegar ao logar onde tinha amarrado seu cavallo.

No dia seguinte Martinho voltou ao mesmo logar, acompanhado de 32 homens. Encontraram o cadaver de Ignacio,

com a cabeça esmagada por uma clava que estava ao seu lado. Com muita concurrencia levaram o corpo e o enterraram no cemiterio de Taquara.

—«»—

### OPTIMISMO ?

Extranhou o nosso illustre collega *O Dia* que tivéssemos desejado não fôsse um méro projecto o grande melhoramento da concessão feita ao Sr. Schüler para dar ao nosso Estado duas estradas de ferro.

Seríamos optimistas, si uma longa série de concessões, de planos e melhoramentos não tivéssemos morrido no nascedouro ou figurado tão somente no papel.

O que realmente é para extranhar é a martellada que o collega nos atira, não permittindo que manifestemos um desejo util ao futuro e á prosperidade de nosso Estado.

—«»—

### Pão de Santo Antonio

Continua a ser feita regularmente a 20 pobres a distribuição do *Pão de Santo Antonio*, bellissima instituição mantida por nossa Conferencia, que vae encontrando o melhor acolhimento por parte das almas caridosas.

—«»—

### AS OBRAS DO PORTO DO RIO DE JANEIRO

O Club de Engenharia, interpretando o unisono applauso de toda a classe dos engenheiros brasileiros, pelo notavel acontecimento de 18 de setembro, da promulgação dos actos relativos ás obras do melhoramento do porto do Rio de Janeiro, realizou no dia 28 de setembro, ás 3 horas da tarde, uma sessão solemne de congratulação ao governo federal na pessoa do sr. dr. Lauro Müller, ministro da industria.

Estava a sala repleta de homens dos

mais eminentes nas varias profissões technicas, da engenharia, como das artes industriaes, achando-se presentes tambem os ministros sr. Seabra, marechal Argollo e almirante Noronha. Tendo fallado eloquentemente os drs. Sampaio Corrêa e Agostinho dos Reis, foi decerrado, entre palmas demoradas, a cortina que encobria a placa commemorativa do decreto das obras do porto. A musica rompeu o Hymno Nacional, que foi ouvido de pé. Apoz ergueu-se o dr. Lauro Müller, que agradeceu em eloquente discurso e com a voz quasi embargada de commoção, mas com modestia, a homenagem que lhe prestavam, dando a maior messe de gloria ao chefe do Estado.

Encerrou a sessão solemne o discurso do dr. Paulo de Frontin.

—«»—

### SÃO FRANCISCO DE ASSIS

(Esposo da Pobreza)

Dos canteiros da Umbria era Francisco o lotus  
De cujo pollen fez-se a mais limpida luz!  
E amou como ninguém as chagas de Jesus;  
E ao sentilhas nas mãos teve sonhos ignotos!  
Todo o seu coração florio de ardentes votos,  
E d'elles vio surgir, sentido surgir á flux  
O benedito esplendor dos Symbolos da Cruz  
De onde sobem da Fé os infinitos brotos!  
Moço, vagando em sonho, alma festiva e nobre,  
Com flammulas de sol do amor do qual se cobre  
Todo o floreo tendal da abobada azulada,  
Ella, o meigo Francisco, o Mendigo das Graças,  
Por campos e por mar, por cidades e praças,  
Na glorificação da sua Esposa amada!

1903.

Aranjo Figueredo.

## HANS STADEN

SUAS VIAGENS E CAPTIVERO ENTRE OS SEVALGENS DO BRASIL EM 1547-1555

Me conduziram para o meio d'elles, maltratando-me e fazendo zombaria de mim. Eu estava triste, olhei para a lua e pensei: «Oh, meu Deus e Senhor, ajuda-me nesta afflicção, para que me veja livre.» Perguntaram-me porque eu olhava para a lua. Então lhes respondi: «Vejo que ella está zangada.» «Com quem está zangada a lua?» perguntou Nhaepoguaçu (panella grande). «Ella olha para tua cabana», respondi-lhe. Por causa destas palavras, fallou elle aspero commigo. Ficou nisso e não pensei mais sobre esta conversa.

No dia seguinte chegou a noticia de uma aldêa, chamada Mambuhabe, que os Tupinikins tinham atacado e incendiado, tendo fugido os moradores. Então Nhaepoguaçu foi para lá, porque eram seus amigos e garentes. Querendo ajudal-os a fazer novas cabanas, levou commigo todos os amigos de sua aldêa e ordenou a Ipirigua-

çu (tubarão grande) que me guardasse bem.

Nesse interim, chegou um navio dos portuguezes de Britoga e, deitando ancora não longe da costa, disparou um tiro de peça, para que os selvagens viessem fallar com elles. Então disseram-me: «Alli estão os teus amigos, os portuguezes, e querem talvez saber si tu ainda vives, para te comprar.» Respondi: «De certo é meu irmão, que tambem é francez e está com os portuguezes.» Foram tão perto do navio que puderam chegar á falla. Os portuguezes perguntaram como eu passava. E elles responderam que não se importavam commigo. E quando vi o navio se ir embora, sabe Deus o que fiquei pensando.

Um dia depois, veiu um daquelles que, como antes disse, estavam fora,—era o irmão do meu senhor—e assentando ao pé de mim, começou a se lamentar e disse que seu irmão, sua mãe e os filhos de seu irmão tinham todos ficado doentes, e que seu irmão tinha mandado dizer-me que eu devia fazer com que meu Deus lhes dêsse saude.

Acrescentou: «Meu irmão está pen-

sando que teu Deus está zangado». Eu lhe disse que sim, que meu Deus está zangado, porque elles queriam me devorar e tinham ido áquelle logar para fazer os preparativos.

Depois de alguns dias voltaram todos doentes. Nhaepoguaçu mandou-me conduzir a sua cabana e me disse que todos tinham ficado doentes e que eu bem o sabia, porque elle se lembrava que eu tinha dito: A lua estava zangada contra a sua cabana. Quando ouvi estas palavras, pensei commigo: hoje Deus está commigo. Então lhe disse que era verdade, por elle querer-me comer e eu não ser seu inimigo, e por isso veiu-lhe a desgraça. Respondeu então, que nada me fizessem, si elle tornaria a levantar-se, e ordenou aos outros da sua cabana que não fizessem mais zombaria de mim nem ameaçassem de me devorar. Assim mesmo continuou ainda doente algum tempo, porém ficou outra vez jhom, mas morreram oito da sua amizade, os quaes me tinham feito muito mal.

(Continúa)

## ACTOS RELIGIOSOS

Domingo—Missas ás 5 1/2 no hospital, ás 6 e 7 1/2 na matriz, ás 8 em S. Francisco, no Menino Deus e na capella do collegio Coração de Jesus, ás 10 na matriz e ás 10 1/2 Missa solemne com sermão em honra de S. Francisco, na igreja do mesmo nome.

A's 6 horas da tarde Terço de Rosario com benção do Ss. Sacramento, e conferencia do rev. padre Manfredo Leite, na matriz.

A's 7 horas da noite Te Deum na igreja de S. Francisco.

Sexta-feira—Missa do Senhor dos Passos ás 7 1/2 no Menino Deus.

Sabbado—Missa de N. S. das Dôres ás 8 horas na matriz.

Mez do Rosario—todos os dias ás 6 horas da tarde na matriz.

## UM DRAMA DE AMOR

E' raro não encontrar nos jornaes de nosso bello paiz, que conta mais de oito milhões de kilometros quadrados, mesmo nos jornaes que arvoraram um programma serio, politico, social, noticioso, scientifico, até moral, é raro, digo, não topar em algum artigosinho, em prosa ou poesia—muitas vezes sem regra e sem compasso, sem pé nem cabeça, «*ut nec pes nec caput uni reddatur formae*».

como diz o poeta Horacio no seu Livro de Arte poetica v. 8, 9—que trata de assumptos eroticos, de sonhos, de aspirações e palpitações de amor (e por vezes bem immoraes); os quaes artigos se condizem com taes jornaes de programmas acima, como um barrete de palhaço com a cabeça de um professor, de um magistrado, de um doutor ou deputado.

Pois acreditarieis? Apoz esta philippica, que aliás parece-me tão justa, não sei o que hoje deu-me na cabeça, e... assestei sobre ella o barrete de palhaço: pois confeccionei um artigo, ou melhor tirei da historia ecclesiastica um episodio erotico de palpitações amorosas, e fui leval-o para o escriptorio da *A Verdade*. E, o que é mais incrível *A Verdade* aceitou-o e parece que vae publical-o. Parece um sonho, mas é a verdade. Ouvi pois o que vou narrar.

Havia no Collegio de Senize, provincia de Napoles, um joven estudante de porte attrahente, de raro talento, de rara belleza, de olhos brilhantes, encantadores, de nome Lancelotto—que pode significar homem experto no manejo da lança e da espada—filho de paes honrados e ricos, que chamavam-se João Avellino e Margarida Capelli. Joven, gentil, educado, affavel; porém não era d'esses moços galantes, atilados, engommados, enflorados, que passeam pelas ruas co'a bengalinha na mão, o cigarrinho na bocca, a cabecinha no ar. Era serio e compassado em seus modos e olhares; rezava e ia á missa: e assim haveriam de fazer os moços e as moças; pois a religião é a prenda mais bonita da mocidade. Mestres e condiscipulos, todos lhe queriam bem: Lancelotto era como o idolo da cidade.

As moças olhavam e olhavam para elle, mas infelizmente esses olhares não eram correspondidos. Pois houve uma em Senize que ficou louca de amor pelo nosso estudante: estudou mil meneios, mil artes para ganhar-lhe o coração: despachou-lhe saudades, mimos, carinhos; ai! tudo de balde. Afinal pegou na pena, e em floreado papel fez correr um bilhetesinho a Lancelotto. Não sei o que ella n'elle poetisou; sei sómente com certeza que as primeiras notas foram estas: «Teus fulgidos olhos feriram o meu coração...»

O bilhete foi entregue á noite por um pagem de confiança.

(Continua)

## BENIGNIDADE DE PIO X

Ha pouco tempo foi nomeado bispo e pro-vigario geral do patriarchado Veneza monsenhor Cavallari, parochio de Castello de Veneza.

Resolvida essa nomeação, o Papa mandou chamar o padre a Roma por telegramma. Recebendo Pio X o parochio, disse-lhe: «Prepare-se para ser consagrado bispo no domingo proximo». O padre, desprevenido e muito assustado, balbucia: «Santissimo Padre, é impossivel; não tenho outro vestido senão a batina de padre». «Sei, respondeu o Papa, eu mesmo darei providencias»; e dirigindo-se a seu camarario, monsenhor Bisleti: «Mande, disse, fazer para o padre o vestido de bispo; as despesas como as da sagração ficam a meu cargo».

Pio X sabia que o padre Cavallari recebia como parochio apenas 100 libras mensaes e desta diminuta quantia tirava ainda para socorrer os pobres; e para fundar um instituto de educação religiosa e moral para os filhos do povo, circulos catholicos, uma escola superior de religião etc; e por isso o quiz nomear administrador da sua querida diocese de Veneza.

Os empregados da typographia vaticana devem passar pela galeria de esculptura. Quando Leão XIII ia ao jardim do Vaticano, era costume que ninguem se achasse naquella galeria. Pio X abrogou este costume, gostando de conversar com o pessoal do Vaticano. Ha poucos dias, passando o Papa pela galeria, prostrou-se a seus pés, beijando-os, um aprendiz que ia para a typographia. O Papa perguntou-lhe acerca de seu serviço e sobre seus paes, dizendo finalmente: «Amanhã virás fallar commigo com mais vagar sobre teus paes.» Sabendo disto o director da typographia, reprehendeu o menino, dizendo-lhe que, por castigo do seu atrevimento, deveria ficar oito dias em casa. No dia seguinte visto que o menino não apparecia, o Papa perguntou por elle, e ouvindo que se achava em casa doente: «Essa doença, disse, me parece fingida; mandai buscar o rapaz, quero vel-o». O director inculcou ao menino que dissesse a Sua Santidade que estava doente, e que o não denunciasse que o havia castigado, porque aliás seria demittido.

O Papa perguntou ao menino: «Porque não vieste, como te ordenei?» Respondeu:

«Santissimo Padre, estive doente». «Por que mentes ao Papa; isso é muito ruim; diz-me a verdade». Envergonhado o menino ajoelhou-se aos pés do Santo Padre confessando com muitas lagrimas tudo o que tinha acontecido. O Papa levantou-o dizendo: «Vae ao teu serviço, meu caro, e diz ao director que esta é a ordem do Papa».

Ao mesmo tempo deu-lhe 50 libras para seus paes e fez saber ao director que tratasse melhor seus empregados, para não ser demittido.

## REVISTA DA SEMANA

RIO, 1.—O projecto que prohibe os impostos inter-estadaes venceu na Camara com 85 votos contra 26.

S. PAULO, 2.—Chegou o arcebispo da Bahia, que teve festiva recepção, hospedando-se no mosteiro de S. Bento.

RECIFE, 23.—Chegou no paquete *Atlantique* o notavel aeronauta Santos Dumont. Foi recebido pelo governador e compacta multidão, que o victoriava delirantemente. Tendo visitado a Associação Commercial, o palacio, a escola de engenharia, embarcou-se, ás 9 horas da noite, occultamente, a conselho das commissões, por causa da immensa agglomeração de povo.

ROMA, 28.—S. S. o Papa Pio X recebeu alguns monges da abbadia de Monte Cassino, aos quaes disse que iria visital-os a Monte Cassino. Estas palavras causaram profunda sensação. No mesmo dia recebeu 10.000 operarios francezes.

1.—Espera-se que o Santo Padre publicará no proximo domingo sua primeira encyclica religiosa.

PARIS, 30.—O presidente da França na Tunisia, sr. Pichon, deu a sua demissão, recusando-se executar as leis sobre as congregações na Tunisia.

VIENNA, 1.—Chegou o Tzar da Russia, Nicolao II, acompanhado do conde de Lamsdorf, ministro das relações exteriores. Realisou-se no Hofburg o banquete de gala, no qual os monarchas da Austria e da Russia trocaram cordiaes brindes.

BELGRADO, 30.—Foram condemnados a prisão diversos officiaes do exercito que conspiraram para obter o castigo dos camaradas regicidas.

Isto não deve causar admiração, porque hoje se sabe que a matança do rei Alexandre foi feita com o conhecimento do actual rei Pedro, o qual prometeu num documento escripto por seu proprio punho, que, em caso de elle chegar ao throno, os conspiradores ficariam impunes. Este facto explica porque é que hoje, na Sérvia, a vontade daquelles assassinos é lei. A carta do rei Pedro está nas mãos do cabeça da conspiração, o coronel Maschin, que a guarda tão bem, que nem a astucia nem a violencia do actual governo lh'a arrebatarão. E', pois, a dictadura dos assassinos que hoje pesa sobre aquelle pobre paiz.

SOFIA, 1.—Quasi todos os dias dão-se renhidos combates entre os insurrectos e as tropas ottomanas. Assegura-se terem sido massacrados pelos turcos todos os habitantes da cidade de Mehonia, na Roumelia.